

UNIVERSIDADE SÃO PAULO
Escola de Comunicações e Artes - Departamento de Artes Plásticas

**A importância da obra de Regina Silveira no Ensino
da Arte**

São Paulo
2024

PATRICIA MOURA SALES

A importância da obra de Regina Silveira no Ensino da Arte

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Escola
de Comunicações e Artes da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Graduação no curso
de Artes Visuais

Orientadora: Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi

São Paulo
2024

PATRICIA MOURA SALES

A importância da obra de Regina Silveira no Ensino da Arte

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Escola
de Comunicações e Artes da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Graduação no curso
de Artes Visuais

Orientadora: Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi

São Paulo
2024

Sales, Patricia M., 1981

A importância da obra de Regina Silveira no Ensino da Arte / Patricia Sales; orientador, Maria Christina de Souza Lima Rizzi. - São Paulo, 2024. 56 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Artes Plásticas / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. Bibliografia

1. Regina Silveira. I. de Souza Lima Rizzi, Maria Christina . II. Título. A importância da obra de Regina Silveira no Ensino da Arte

CDD 21.ed. - 370

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores, funcionários e colaboradores pelo apoio e incentivo durante todo o curso, especialmente à professora Dra. Maria Christina de Souza Lima Rizzi pela orientação e disponibilidade.

RESUMO

Este trabalho visa refletir sobre a importância de Regina Silveira tanto na arte contemporânea quanto no contexto educativo. Através de sua trajetória, que mescla vanguardas internacionais e experimentação tecnológica, Silveira demonstrou como a arte pode ser um campo dinâmico e transformador, capaz de questionar e redefinir as percepções de espaço e de imagem. Sua prática pedagógica, que foca na individualidade do aluno e no desenvolvimento de sua própria poética, também se configura como uma abordagem de ensino fundamental para o desenvolvimento de novos artistas. Assim, a obra de Silveira não só expande os limites da criação artística, como também oferece uma rica fonte de inspiração e reflexão para educadores de arte.

Neste sentido, propõe-se a análise e a aplicação de conceitos presentes na obra de Regina Silveira, com foco na deformação, recontextualização e multiplicação de objetos e imagens, como uma ferramenta pedagógica para o ensino de Artes Visuais. Ao explorar essas ideias de maneira prática, os alunos serão convidados a refletir sobre as possibilidades de transformar o cotidiano em algo novo, provocando novas leituras e sensações a partir do que é familiar. Assim, a proposta pedagógica visa não apenas o aprendizado técnico, mas também o desenvolvimento de uma nova forma de pensar a arte e o espaço, alinhando-se ao legado de Regina Silveira, que continua a inspirar e a desafiar tanto artistas quanto educadores.

Palavras chave: Regina Silveira, arte, educação, espaço, percepção.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the importance of Regina Silveira in both contemporary art and the educational context. Through her career, which combines international avant-garde and technological experimentation, Silveira demonstrated how art can be a dynamic and transformative field, capable of questioning and redefining perceptions of space and image. Her pedagogical practice, which focuses on the individuality of the student and the development of their own poetics, also constitutes a fundamental teaching approach for the development of new artists. Thus, Silveira's work not only expands the limits of artistic creation, but also offers a rich source of inspiration and reflection for art educators.

In this sense, the proposal is to analyze and apply concepts present in Regina Silveira's work, focusing on the deformation, recontextualization and multiplication of objects and images, as a pedagogical tool for teaching Visual Arts. By exploring these ideas in a practical way, students will be invited to reflect on the possibilities of transforming everyday life into something new, provoking new readings and sensations based on what is familiar. Thus, the pedagogical proposal aims not only at technical learning, but also at developing a new way of thinking about art and space, in line with the legacy of Regina Silveira, who continues to inspire and challenge both artists and educators.

Keywords: Regina Silveira, art, education, space, perception.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Glossário 2 (Azul)	16
Figura 2 - Imagem retirada do site do MAC USP	17
Figura 3 - Glossary	18
Figura 4 - Mundo	19
Figura 5 - Cabeçalho com organização das obras no site www.reginasilveira.com	22
Figura 6 – Moscaglia	23
Figura 7 – Surveillance	23
Figura 8 - Mundus Admirabilis	25
Figura 9 - TROPEL REVERSED	27
Figura 10 - Descendo a Escada	28
Figura 11 - OS GRANDES	29
Figura 12 - Armadilha para executivos I	30
Figura 13 – Transit	32

SUMÁRIO

1. Introdução	10
2. Contextualizando a vida e a obra de Regina Silveira	12
3. A linguagem poética do processo de Regina Silveira	15
4. Obras	21
4.1 Arte Pública	22
4.2 Instalações	24
4.3 Obras sobre papel	28
4.4 Vídeos	31
5. Ensino da Arte e a poética de Regina Silveira: Uma proposta pedagógica	33
5.1 Plano da Unidade de Ensino – "A Arte da Transformação: Desconstruindo e Recontextualizando Objetos"	35
5.1.1 Plano de Aulas	36
6. Considerações finais	40
APÊNDICE - Anotações da entrevista com Regina Silveira	43
REFERÊNCIAS	46
REFERÊNCIAS DAS FIGURAS	48

1. Introdução

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (Michel FOUCAULT).

Ao embarcar nesta pesquisa, não imaginei o impacto profundo que a trajetória acadêmica e artística de Regina Silveira teria sobre mim. A jornada dessa artista, que começou em Porto Alegre e se expandiu globalmente, incluindo sua contribuição crucial para o Departamento de Artes Plásticas da USP, é uma fascinante mistura de experiências, admiração e respeito. O estudo da trajetória de Silveira revela não apenas a evolução de sua obra, mas também seu papel na formação do que hoje conhecemos como o Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da USP (CAP-ECA-USP).

Escolhi analisar Regina Silveira devido ao que oferece à compreensão da arte contemporânea e seu papel nas Artes Visuais. Sua obra é um reflexo das tendências globais da arte contemporânea e, ao mesmo tempo, uma força catalisadora para novas práticas artísticas. Silveira se destaca por seu compromisso em explorar e redefinir a percepção do espaço e da percepção visual, além de sua habilidade em integrar técnicas tradicionais com inovações tecnológicas. A análise de sua produção artística oferece uma oportunidade valiosa para refletir sobre como a arte contemporânea pode ser um campo dinâmico e transformador, tanto no contexto acadêmico quanto no espaço público.

Este trabalho se propõe a explorar algumas dimensões do trabalho de Regina Silveira, desde suas intervenções urbanas até suas instalações *site-specific*, e como essas práticas podem informar e inspirar as Artes Visuais. Através de uma análise de suas obras e técnicas, pretendo compreender como a obra de Silveira desafia e redefine as fronteiras da arte contemporânea, oferecendo um rico campo de estudo para educadores e estudantes de Artes Visuais.

Essa introdução apresenta alguns aspectos que contextualizam a importância de Regina Silveira no campo da arte contemporânea e destaca sua relevância para a educação artística, preparando o leitor para uma análise de sua obra e impacto.

Em 2018, tive a oportunidade de entrevistar Regina Silveira em seu ateliê, e conforme ela me explicou, sua abordagem pedagógica enfatiza o cultivo da autonomia criativa dos alunos, ao invés de impor um estilo ou estética pré-determinada. Esse processo reflete uma compreensão profunda da arte como um processo de autoexploração e descoberta pessoal. Silveira acreditava que o papel do educador era menos sobre transmitir técnicas específicas e mais sobre incentivar uma jornada intelectual e estética individualizada.

Regina buscava criar um ambiente onde os alunos pudessem experimentar e explorar suas próprias ideias e visões, promovendo um espaço de diálogo e reflexão contínua. Essa filosofia de ensino também está enraizada na sua própria prática artística, que se caracteriza por uma constante experimentação e inovação. Ao incentivar os alunos a desenvolverem suas próprias poéticas e a encontrarem seus próprios lugares no mundo, Silveira contribui para a formação de artistas que não apenas dominavam técnicas, mas também compreendiam e aplicavam conceitos artísticos complexos. Como ela mesmo menciona na entrevista, ela formou alunos e alunas com poéticas próprias e não “outras Reginas”.

Além disso, a visão de Silveira sobre a educação artística se alinha com a sua abordagem ao trabalho artístico, que muitas vezes questiona e redefine as percepções convencionais. Suas intervenções urbanas e instalações *site-specific* são exemplos de como ela transformou espaços comuns em experiências sensoriais profundas, desafiando as expectativas e encorajando o público a reconsiderar sua relação com o ambiente ao seu redor. Este enfoque não apenas ampliou a compreensão do espaço e da arte, mas também ofereceu um modelo de como a prática artística pode influenciar e enriquecer a educação.

Regina costumava dizer, assim como me relatou quando a entrevistei em 2018, que "sua preocupação nunca foi em ensinar uma estética ou um caminho, mas provocar o pensamento em seus alunos para que encontrassem a própria poética e seus lugares no mundo. Um tinha de ser diferente do outro" (SILVEIRA, 2018). Sendo assim, a prática educativa de Regina Silveira não apenas influenciou uma geração de artistas, mas também demonstrou como a arte e a educação podem se inter-relacionar de maneiras significativas. Sua abordagem provocativa oferece uma perspectiva valiosa sobre como a educação artística pode ser um meio poderoso para fomentar a criatividade e a reflexão crítica, preparando os alunos para enfrentar e transformar o mundo ao seu redor.

2. Contextualizando a vida e a obra de Regina Silveira

Vocês sabem que eu trabalho muito, não é?
Regina Silveira, Revista Select 2021

Regina Silveira, nascida em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1939, surge no cenário artístico antes dos anos 1970. Começa a sua trajetória com uma formação tradicional em artes visuais, voltada para a pintura de acadêmica. Essa trajetória se inicia na infância de Regina, nos anos de 1950, quando teve aulas particulares de desenho e pintura com a artista Judith Fortes.

Durante toda sua trajetória como estudante, Regina teve grandes artistas como professores nas áreas de pintura e gravura, tanto na graduação, pós-graduação ou em ateliês livres. Seus professores incluem nomes como Aldo Locatelli e Ado Malagoli, no bacharelado em Pintura, que realizou no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS), concluído em 1958. Como pós-graduação, fez um curso com Malagoli de Aperfeiçoamento em Pintura, em 1959. Com Iberê Camargo e Francisco Stockinger, teve aulas de pintura e gravura no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, em 1961. Em 1962, estudou litografia com Marcelo Grassmann, também em Porto Alegre (ZANINI, 1995).

Entre 1966 e 1967, a artista passa um período na Espanha, com bolsa do Instituto de Cultura Hispânica de Madri, estuda na Faculdade de Filosofia e Letras de Madri, onde cursa Pós-Graduação em História da Arte. É em Madri que Regina Silveira conhecerá e tomará contato com as obras dos artistas espanhóis Julio Plaza – com quem se casará anos depois –, Manolo Calvo e Luís Lugán, “todos valores de peso da arte avançada do país ibérico, além do influente teórico e crítico Ángel Crespo”, com quem a artista voltará a ter contato em Porto Rico, no Recinto Universitário de Mayagüez (ZANINI, 1995).

Ao retornar da Espanha, Regina parte para uma nova estética, nas palavras de Zanini. Realizando uma exposição individual, realizada na Galeria Seiquer, em 1967. A busca por essa nova estética culmina, quando retorna a Porto Alegre, em 1968, como “uma inesperada pesquisadora que utilizava materiais industriais (madeira, alumínio anodizado, espelhos, aço inoxidável, plástico, lâmpadas elétricas)”, para os que “aguardavam o retorno de uma pintora

e gravadora reforçadas”, Regina Silveira passa a trabalhar com relevos e peças tridimensionais (ZANINI, 1995).

Segundo Zanini, a artista relata que, após sua viagem à Europa, onde encontra manifestações de arte contemporânea fundamentadas em poéticas e meios totalmente novos e diversos aos da pintura, para ela, conviver com aquela arte contemporânea se fazendo, ver, ouvir e debater ideias totalmente novas com artistas de sua geração, foi uma espécie de tratamento de choque, que, segundo a artista, se dava numa cena artística já dominada pela contracultura do final daquela década. Silveira retorna ao Brasil totalmente transformada, e refletindo sobre os rumos do próprio trabalho. Zanini reflete que, possivelmente este é o início de sua curiosidade pelos meios de produção de imagens e a origem do hibridismo que caracteriza seu trabalho depois dessa fase na Europa. Entretanto ela afirma não ser verdade que não goste de pintura e de pintores, e que muito pelo contrário, a pintura é parte essencial das boas misturas da contemporaneidade (ZANINI, 1995).

Regina Silveira sempre foi uma artista e pesquisadora inquieta. Segundo Karina Gomes, em "Regina Silveira: Um esboço Biográfico", Maria Camargo, viúva de Iberê Camargo, ao ser questionada sobre Regina, lembrava-se sempre da artista suja de tinta. E não é à toa: se ela não estava nas aulas de artes, ela estava em seu ateliê pintando ou desenhando. “Quando passo um ou dois dias sem trabalhar fico instável, mal-humorada, perdida”, afirmou em uma entrevista de 1964 para o jornal Correio do Povo. Regina costumava trabalhar todos os dias, “um trabalho sofrido, mas que alegre”, definiu. Essa é uma das razões pelas quais ela trabalhava e ainda hoje trabalha intensamente, o que faz com que seus trabalhos tenham atingido reconhecimento e prestígio, sendo mundialmente reconhecidos. Ainda segundo Gomes, de acordo com Regina, participar de salões de arte internacionais era importante para que o trabalho fosse visto. Em Porto Alegre, não era possível apenas se fazer de artista; era preciso trabalhar. “Aqui é mais difícil improvisar, não chega a bossa de artista, o que vale mesmo é só trabalho! O público só acredita quando vê quadros, esculturas, gravuras...”, disse ao Correio do Povo em 1965. (GOMES, 2009).

Gomes menciona que, as obras de Regina, no entanto, não eram guiadas apenas por inspiração. “Inspiração não funciona, não. Olha, eu trabalho como uma funcionária

qualquer.” Esse pensamento que rege a artista até hoje. “Também tenho um método, não vou pintando ao acaso. Antes de pintar faço um esquema, ...” (GOMES, 2009).

Atualmente Regina Silveira é considerada uma das maiores artistas brasileiras de sua geração. Reconhecida nacionalmente e internacionalmente por sua obra e sua trajetória como artista, pesquisadora e professora, teve participação fundamental na história institucional do Departamento de Artes Plásticas da USP. Também foi peça chave nos debates sobre a arte como forma de conhecimento, por ocasião da abertura do primeiro programa de pós-graduação em Artes Visuais do País, criado pela ECA - USP em 1974.

3. A linguagem poética do processo de Regina Silveira

"Sempre tive interesse pelos modos de constituição das representações visuais, num sentido reflexivo, quero dizer, um interesse em produzir representações que olhem para si mesmas, mas sem formalismos".

Regina Silveira, Pesquisa Fapesp 2010

Regina Silveira, em uma entrevista para a Revista Pesquisa Fapesp, é questionada se a curiosidade é importante para o artista? Responde dizendo que acha fundamental, mas sem que a atitude curiosa fique restrita ao uso dos meios.

"Penso a curiosidade num sentido muito amplo: curiosidade para perceber, conhecer, estar no mundo. Quase uma ação: o oposto de se instalar no conhecido, balizado e sem risco. Já em relação aos meios, no passado sempre defendi esta curiosidade em oposição ao que chamava de 'artista especialista', aquele focado em apenas um meio tradicional: gravador, pintor, escultor. É preciso entender que o contexto dessas minhas afetações se localizava com alguma precisão: ou na minha vivência dos anos conceituais, quando implodiram e se misturaram tantas categorias tradicionais; ou nos ambientes da gravura, meu principal campo de trabalho no ensino, onde se falava mais de técnica que de arte. O que sempre apreciei foi o não especialista, com desempenho forte na linguagem, não importa o meio. Essas considerações parecem que hoje perderam força, porque a cena já mudou e as práticas artísticas têm limites fluidos: os meios dialogam, totalmente hibridizados, como se esperava. Mas na verdade continuo apreensiva, agora com o especialista na novidade técnica, a outra praga que muitas vezes se instala nos terrenos da arte e tecnologia, neste caso a curiosidade pelos meios fica em alta, mas no vazio, quando o poético passa para um segundo plano". (Silveira, 2010)

Como relata Karina Gomes, Regina afirma em uma reportagem do jornal Diário de Notícias, que se sentia mais segura e, de certa forma, com uma integração social bem maior que antes: "Agora posso explicar meu trabalho: o que eu faço é isto e serve pra isto. Antes o que eu fazia era mais resultado de uma necessidade interior onde a figura humana era muito importante." A artista costumava dizer que suas telas eram a sua maneira de ser na parede. Sobre esses seus novos trabalhos, Regina declarou, nessa mesma entrevista: "talvez eu esteja em busca de uma sociedade ideal, onde a arte possa fazer parte da vida do homem, possa estar integrada no seu dia a dia, onde o objeto útil ou agradável seja acessível a todos. Esta não é uma arte perene. Não é uma arte de museus. É uma arte que talvez exista para ser massificada, consumida para que participe da vida do homem e termine amanhã, sem interessar que material for usado". Os "novos trabalhos" a que Regina Silveira se refere, podem incluir suas obras mais contemporâneas, nas quais ela explora a interatividade, o uso de novos materiais e tecnologias, como LEDs, projeções e instalações. Essas obras

frequentemente buscam integrar a arte à vida cotidiana das pessoas, promovendo uma experiência mais acessível e efêmera.

Suas instalações interativas e projeções, como por exemplo Glossário 2 (Azul), 2011, refletem essa busca por uma arte que esteja presente no dia a dia, onde o público participa ativamente e a obra se transforma conforme a interação. Essa abordagem representa uma mudança em relação a suas obras anteriores, que, embora impactantes, eram muitas vezes mais estáticas e voltadas para o ambiente expositivo tradicional.

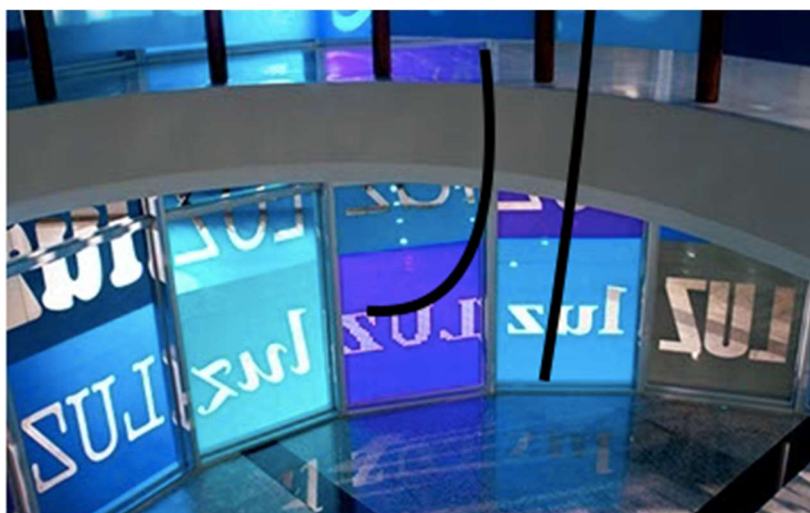


Figura 1 - Glossário 2 (Azul), 2011
Vinil adesivo/ adhesive vinyl, 140m2
Museu Lasar Segall, São Paulo, Brasil.
Foto/ photo: Renato Pera
Fonte: www.reginasilveira.com

O ritmo da obra de Regina Silveira parece ser cada dia mais atual. Em uma entrevista para o Jornal da USP em 2021, sua mostra Outros Paradoxos, no Museu de Arte Contemporânea da USP, a artista foi definida pela professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e artista Giselle Beiguelman, como “uma exposição imperdível e de tirar o fôlego.” A professora destaca que Regina Silveira “dá uma aula de tudo, de rigor estético, de precisão técnica, posicionamento político...”. É a maior retrospectiva já apresentada sobre a obra de Regina Silveira. A exposição Outros Paradoxos refere-se a uma das obras pontuais do acervo do MAC USP. “Remete ao Paradoxo do Santo, incorporada ao acervo do museu em 1994. E é

uma chave de leitura do perfil inquieto da artista e de sua atitude questionadora diante da vida e da arte”. (KIYOMURA, 2021).



Figura 2 - Imagem retirada do site do MAC USP, 2021
FICHA TÉCNICA DA EXPOSIÇÃO
Regina Silveira: outros paradoxos
Idealização, realização e produção: MAC USP
Fonte: www.reginasilveira.com

Ao instalar obras em espaços públicos, intervindo assim no espaço cotidiano, Regina Silveira amplia o alcance da arte contemporânea para o público em geral, como por exemplo “Glossary”, 2015, instalada na cidade de Toronto, Canadá.

Um dos aspectos mais marcantes da linguagem poética de Silveira é a sua capacidade de transformar o cotidiano em algo extraordinário. Ela frequentemente utiliza técnicas de ilusão de ótica e *trompe-l’oeil* para criar obras que parecem flutuar entre a realidade e a imaginação. Seu trabalho muitas vezes se baseia em desenhos e padrões que jogam com a percepção espacial, criando uma sensação de movimento e profundidade que não está fisicamente presente. Esses elementos são empregados para criar uma narrativa visual que é ao mesmo tempo lúdica e contemplativa.



Figura 3 - Glossary, 2015
Animação digital, projeção em laser/ digital animation, laser projection
Fonte: www.reginasilveira.com

Silveira também é conhecida por seu uso inovador do espaço. Ela explora a relação entre o ambiente e a arte, muitas vezes integrando suas obras diretamente nas arquiteturas e nas superfícies dos espaços onde são exibidas. Isso faz com que suas peças não sejam apenas visuais, mas também interativas, convidando o espectador a se envolver fisicamente e mentalmente com o trabalho. Além disso, a artista utiliza um vocabulário visual que inclui a repetição de padrões geométricos e formas abstratas. Esses elementos são frequentemente empregados para criar uma sensação de continuidade e ritmo, estabelecendo um diálogo entre a arte e o espectador que é tanto intuitivo quanto intelectual. A repetição e a variação desses padrões provoca uma reflexão sobre a percepção e a interpretação do espaço.

Em resumo, a linguagem poética de Regina Silveira é definida pela fusão inovadora entre técnica, conceito e percepção espacial. Sua habilidade em transformar elementos cotidianos em experiências visuais complexas e intelectualmente provocativas consolidou seu papel como uma das principais figuras da arte contemporânea. Silveira não se limita apenas a criar obras que capturam o olhar; ela engaja o espectador em uma experiência estética multifacetada, que desafia e revela novas formas de ver o mundo ao nosso redor. Em suas produções, o público é incitado a refletir não apenas sobre as obras em si, mas sobre a relação

entre essas obras e o espaço que elas ocupam, o que propicia um convite para uma interação mais profunda e envolvente.

O vocabulário visual de Silveira é notavelmente caracterizado pela repetição de padrões geométricos que, mais do que simples elementos decorativos, servem como veículos para a exploração de ideias sobre continuidade, ritmo e movimento. A utilização desses padrões não apenas cria uma sensação de fluxo e conexão entre os elementos da obra, mas também sugere uma dinâmica entre o passado e o presente, entre a tradição e a experimentação. Através dessa repetição e variação, Silveira não só brinca com o espaço, mas também desafia a percepção do espectador, convidando-o a reconsiderar suas próprias experiências visuais e cognitivas. Além disso, a artista frequentemente transcende os limites da superfície bidimensional, explorando a tridimensionalidade e as interações entre a arte e o espaço público. Suas intervenções em ambientes urbanos e seus projetos de instalação oferecem uma nova perspectiva sobre o espaço que habitamos, criando uma ponte entre o íntimo e o coletivo, o pessoal e o social.

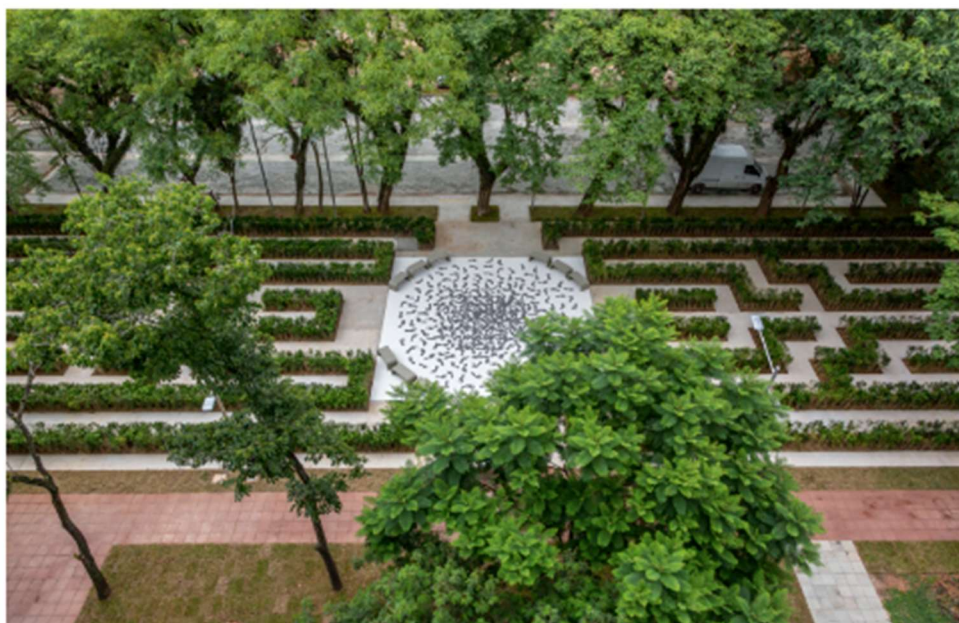


Figura 4 - Mundo, 2017
Praça Milton Santos, USP, São Paulo
Produção: Ronald Monreal
Paisagismo: Raul Isidoro
Desenho gráfico: Eduardo Verderame
Foto: Bruna Goldberger
Fonte: www.reginasilveira.com

Essas camadas de significado, presentes no trabalho de Silveira, propõem uma reflexão crítica sobre as formas de comunicação visual e sobre como construímos, percebemos e nos relacionamos com os espaços ao nosso redor. Em sua obra, a artista proporciona um constante questionamento entre o conhecido e o desconhecido, entre o visível e o invisível, desafiando a percepção do espectador e convidando-o a uma jornada sensorial e intelectual em busca de novos significados, esse é um dos pontos importantes e cruciais na formação e provocação de educadores e artistas, que influenciados pela obra de Regina, vivenciam novas formas de enxergar o mundo ao redor.

4. Obras

Neste capítulo, abordo as obras de Regina Silveira, destacando sua seu processo criativo e a maneira como ela integra o espaço, a técnica e o conceito em suas criações. Silveira é uma artista que não se limita a meios tradicionais, mas explora novas possibilidades expressivas, fazendo de suas obras experiências interativas e reflexivas.

Ao integrar suas criações diretamente nas superfícies arquitetônicas, Silveira transforma a relação entre a arte e o espectador, criando experiências que convidam à interação física e mental. Essa abordagem permite que a arte dialogue com o cotidiano, fazendo com que o espectador se sinta envolvido e parte do processo criativo. Sua abordagem poética transforma o cotidiano em algo visivelmente intrigante e intelectualmente estimulante.

Sua obra não apenas redefine o que é a arte contemporânea, mas também provoca uma experiência estética que é desafiadora e reveladora. Ao engajar o público de maneira profunda, Silveira solidifica sua posição como uma das principais vozes da arte contemporânea, proporcionando uma nova perspectiva sobre a relação entre arte e espaço, além das implicações das técnicas utilizadas em sua produção artística. Neste capítulo, exploramos a complexidade e a riqueza das obras de Regina Silveira, que continuam a ressoar no cenário artístico atual, convidando à reflexão e à interação.

Além de sua produção artística, Regina Silveira tem uma forte atuação como educadora. Sua experiência como professora de desenho no Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, e sua passagem pela Universidade de Porto Rico influenciaram significativamente sua abordagem pedagógica. Silveira acredita no papel da arte como uma forma de inclusão social e busca transmitir essa visão a seus alunos, incentivando-os a explorar a criatividade e a crítica em suas obras (GOMES, 2009).

O fato de encontrar a produção artística de Regina Silveira, em seu site oficial (www.reginasilveira.com), já organizada nos tópicos listados abaixo, facilitou a compreensão de suas obras, conforme a própria artista decide apresentá-las:

Regina Silveira

ÍNDICE DE OBRAS EXPOSIÇÕES/ exhibitions ARTE PÚBLICA/ public art CENÁRIOS/ scenery INSTALAÇÕES/ installations OBRAS SOBRE PAPEL/ works on paper
 OBJETOS/ objects REALIDADE VIRTUAL/ virtual reality VÍDEOS/ videos TEXTOS/ texts SOBRE A ARTISTA/ about the artist CONTATO/ contact
 Filter: **Instalação** [view all](#)

Figura 5 - cabeçalho com organização das obras no site www.reginasilveira.com

- Arte Pública
- Cenários
- Instalações
- Obras sobre papel
- Objetos
- Realidade Virtual
- Vídeos
- Textos

Dos pontos listados acima, para exemplificar a importância de Regina Silveira e sua influência para educadores e artistas, utilizarei exemplos de arte pública, instalações, obras sobre papel e vídeos. Nos tópicos abaixo, farei a análise de algumas obras, visando exemplificar alguns meios e recursos utilizados pela artista e o seu impacto no público e na dimensão dos espaços ocupados.

4.1 Arte Pública

Regina Silveira é reconhecida por suas intervenções urbanas que provocam uma nova leitura do espaço público. Ao alterar elementos cotidianos, como sinais de trânsito e fachadas de edifícios, ela desafia a funcionalidade esperada e instiga o público a reconsiderar sua interação com o ambiente urbano. Essas ações vão muito além de uma intervenção apenas estética, elas se tornam críticas sociais sutis, apontando para a rotina mecanizada da vida urbana e a desumanização dos espaços. Ao transformar elementos do cotidiano em pontos de reflexão, Silveira força o espectador a reconsiderar sua posição dentro do tecido urbano, promovendo um diálogo sobre a convivência e a identidade coletiva.

A artista se destaca por sua habilidade em unir técnicas tradicionais a novas mídias, explorando novas possibilidades expressivas e experimentando com a forma como a arte se relaciona com o espaço e o público. Dois exemplos emblemáticos de sua abordagem são as

obras "Surveillance" e "Moscaria", que oferecem um paralelo interessante na forma como tratam temas de vigilância, percepção e controle.



Figura 6 - Moscaglia, 2018
Lambe-lambe
Teatro Viradalata, São Paulo, Brasil
Fonte: www.reginasilveira.com



Figura 7 - Surveillance, 2015
Projeção de animação digital
Festival Visualismo, Praça Mauá, Rio de Janeiro
Foto: Eduardo Magalhães
Fonte: www.reginasilveira.com

Em "Surveillance", Silveira utiliza elementos visuais que evocam a ideia de monitoramento e controle. A instalação apresenta imagens projetadas que refletem a estética da vigilância moderna, com padrões que imitam câmeras de segurança e sistemas de monitoramento. A artista manipula a luz e as sombras para criar uma atmosfera que sugere

uma constante observação, convidando o espectador a refletir sobre a intrusividade da tecnologia em nossas vidas cotidianas. Essa obra não apenas explora a estética do espaço urbano, mas também questiona as implicações éticas da vigilância na sociedade contemporânea.

Por outro lado, "Moscária" aborda a temática da percepção e da construção de realidades de uma forma mais lúdica e interativa. Utilizando projeções e elementos gráficos, a instalação cria uma rede visual que provoca uma sensação de movimento e transformação. A interação do público é fundamental aqui, pois os visitantes podem influenciar as projeções através de seu deslocamento, rompendo a passividade da observação e promovendo uma experiência mais dinâmica. Silveira explora a ideia de que a percepção é moldada não apenas pelo que vemos, mas também por como interagimos com o espaço.

Enquanto "Surveillance" enfatiza a ideia de controle e a vigilância imposta externamente, "Moscária" oferece uma abordagem mais libertadora, onde a participação ativa do espectador se torna um elemento central na criação da obra. Ambas as obras, no entanto, discutem a natureza da percepção e como ela é influenciada pelo ambiente ao nosso redor. Essas duas obras exemplificam a capacidade de Regina Silveira de experimentar com diferentes mídias e técnicas, como projeções, iluminação e instalação. A artista usa recursos tecnológicos para enriquecer a narrativa visual e a experiência sensorial do espectador. Ao fazer isso, Silveira não apenas questiona as normas artísticas, mas também provoca uma reflexão crítica sobre a realidade que habitamos, ressaltando a complexidade das relações entre tecnologia, espaço e percepção.

4.2 Instalações

As instalações de Regina Silveira são elaboradas para dialogar com o ambiente em que são inseridas, criando experiências imersivas. Um exemplo interessante é a obra "Mundus Admirabilis", que exemplifica como a artista utiliza elementos do espaço para provocar uma nova percepção.

"Mundus Admirabilis" se destaca pela maneira como Silveira brinca com a luz e a sombra. A instalação é projetada de tal forma que as fontes de luz interagem com as

superfícies da obra, criando padrões dinâmicos que mudam conforme o ângulo do olhar do espectador. Essa manipulação da luz não só destaca a complexidade estética da instalação, mas também instiga uma reflexão sobre como a luz pode moldar nossa compreensão do espaço.



Figura 8 - Mundus Admirabilis, 2019
Vinil adesivo/ adhesive vinyl
"Recovering stories, recovering fantasies".
National Museum in Riyadh, Riyadh, Saudi Arabia
Foto/ photo: Eduardo Verderame
Fonte: www.reginasilveira.com

A obra também considera o movimento do público. Ao caminhar pela instalação, os espectadores não apenas observam, mas se tornam parte dela. A posição e o deslocamento das pessoas afetam a maneira como a obra é percebida, fazendo com que cada visita seja única. Essa interação ativa transforma o espectador em co-criador da experiência, desafiando a ideia de que a arte é algo estático e isolado.

Além disso, "Mundus Admirabilis" explora a relação entre o natural e o artificial, entre a fantasia e a realidade. A instalação convida o público a refletir sobre sua própria percepção e a maneira como o ambiente ao redor pode ser reinterpretado. Os elementos visuais e táteis

são cuidadosamente escolhidos para criar um espaço de contemplação, onde a curiosidade é estimulada e a imaginação é liberada.

Dessa forma, as instalações *site-specific* de Regina Silveira, como "Mundus Admirabilis", não apenas ocupam um espaço físico, mas transformam-no em um espaço de interação e descoberta, onde o público é convidado a participar ativamente da experiência artística. Essa abordagem destaca a relevância da arte no cotidiano e reforça a ideia de que a percepção do espaço é uma construção coletiva e dinâmica.

Outro exemplo é a obra "Tropel Reversed", onde Silveira utiliza a ilusão óptica para criar uma experiência visual que perturba a percepção do transeunte. Ao aplicar padrões e imagens que se entrelaçam com a arquitetura existente, ela não apenas modifica a aparência de um local, mas também questiona a própria natureza do espaço público. As intervenções frequentemente geram um momento de estranhamento, convidando os pedestres a pausar e refletir sobre a realidade que os cerca (RIBEIRO, 2022).

Esses recursos de movimento, também podem ser vistos na obra "Descendo a Escada". Regina Silveira explora de maneira profunda a relação entre percepção visual e sensorial, desafiando as expectativas do espectador sobre a realidade e a ilusão. Ao criar um ambiente que questiona as convenções de espaço e movimento, a artista convida os visitantes a reavaliar suas próprias experiências sensoriais.

A instalação utiliza elementos que brincam com a perspectiva e a profundidade, levando o espectador a uma jornada visual intrigante. Ao descer a escada, o público é confrontado com ilusões ópticas que distorcem a percepção do espaço, fazendo com que se sintam imersos em um ambiente que desafia a lógica. As imagens e padrões apresentados não são apenas visuais; eles evocam emoções e memórias, criando uma experiência sensorial que vai além do simples ato de ver.



Figura 9 - TROPEL REVERSED, 2012
Vinil adesivo/ adhesive vinyl
Aldrich Museum, Ridgefield, CT, USA
Fonte: www.reginasilveira.com

Silveira também incorpora aspectos de movimento em sua obra, permitindo que a trajetória do espectador influencie a percepção do ambiente. À medida que os visitantes descem a escada, eles se tornam parte da obra, interagindo com os elementos que a compõem. Essa dinâmica ativa promove uma reflexão sobre a subjetividade da percepção, mostrando que cada pessoa pode vivenciar a obra de forma distinta, dependendo de sua posição e movimento.

A combinação de luz, sombra e texturas em "Descendo a Escada" intensifica a experiência sensorial. As transições suaves entre diferentes elementos criam uma atmosfera que oscila entre o familiar e o desconhecido, levando o espectador a questionar o que é real. Essa ambiguidade é central para a reflexão proposta por Silveira, que busca instigar um diálogo sobre a natureza da percepção e como ela é moldada por nossos sentidos e experiências.

Ao provocar essa reflexão, Regina Silveira não apenas desafia as expectativas do público, mas também expande as possibilidades da arte contemporânea. "Descendo a Escada" é uma experiência que encoraja a contemplação, o questionamento e a exploração

da relação entre o observador e o espaço, reafirmando a importância da percepção visual e sensorial na construção da realidade que habitamos.

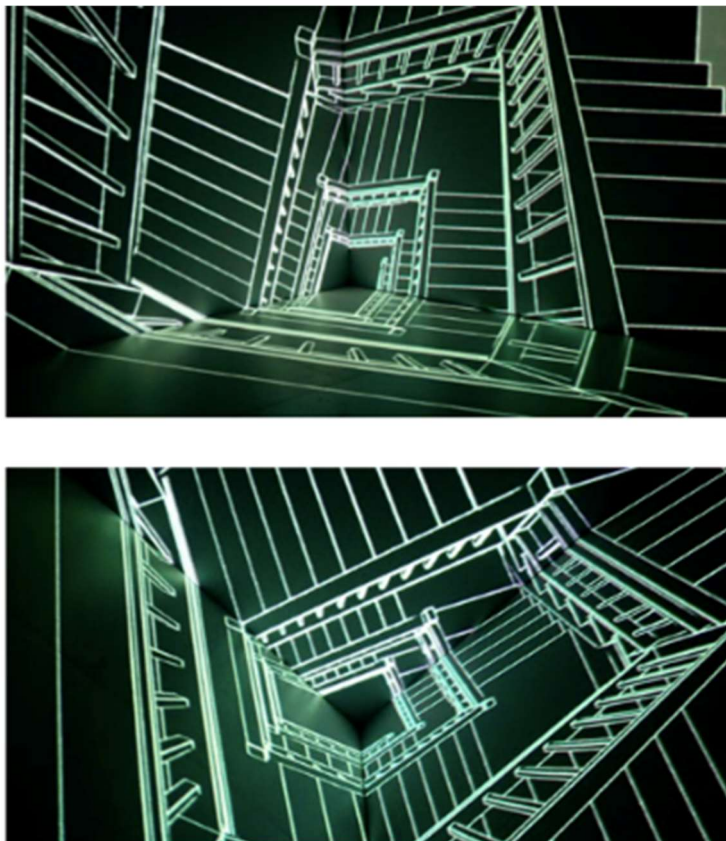


Figura 10 - Descendo a Escada, 2002
Video-instalação/ video installation
3 x 5,80 x 2 m
Foto/ photo: Cristiane Beneton
Fonte: www.reginasilveira.com

4.3 Obras sobre papel

As obras de Regina Silveira frequentemente desafiam a visão convencional do ambiente urbano e das galerias, utilizando elementos visuais que brincam com a profundidade, a escala e a interação do espectador.

Na obra “Dilatáveis”, Regina utiliza distorções de imagem para explorar o espaço e a percepção da imagem. Como menciona Ribeiro, "não são simples projeções de sombras, e sim sombras radicalmente artificiais. Ela as arma a partir de distorções projetivas inventadas,

nas quais, muitas vezes, o observador não consegue identificar de que objeto é a sombra". (RIBEIRO, 2012).

Como mencionou Montejo Novas sobre a exposição de Silveira no Centro Cultural banco do Brasil, em 2003:

"Poucas poéticas são tão abrangentes e tão coesas ao mesmo tempo, tão ciosas de seu cerne, como a de Regina Silveira. A soma de olhares que produz repousa num desdobramento quase caleidoscópico que não deixa de guardar surpresas, pois se trata de uma produção artística que costuma ultrapassar expectativas, e até contrariá-las. Por outro lado, a múltipla variedade de meios, suportes e recursos não faz senão aumentar o tamanho do ratio expressivo desta poética, que tem umas preocupações constantes, uns denominadores fulcrais na arquitetura, a crítica e a ironia da imagem - de seus substratos/códigos representacionais -, assim como a análise do sentido da presença/ausência na obra de arte. A perspectiva que concedem várias décadas de trabalho artístico permite ler as obras num movimento contínuo de relacionamento, no qual umas peças se imantam com outras, estabelecem pontos de conexão ou suas próprias afinidades eletivas. No fundo, toda obra é uma cartografia, a construção de um mapa que representa um pathos artístico. Nele, os três conceitos apontados funcionam como articulações, nexos entre umas obras e outras, às vezes aparentemente tão distantes". (MONTEJO NAVES, 2003).

Silveira é uma artista que utiliza de técnicas tradicionais de serigrafia, criando padrões e imagens complexas que desafiam a percepção do espaço e do espectador. Um exemplo de sua abordagem é a obra "Armadilha para Executivos I". Nesta obra, Silveira utiliza a serigrafia para explorar temas relacionados ao ambiente corporativo, à identidade e às dinâmicas sociais.



Figura 11- OS GRANDES, 1981
vinil adesivo e impressão
4,00 X 1,00 m
Fonte: www.reginasilveira.com

Em "Armadilha para Executivos I", a artista cria um conjunto de padrões visuais que evocam a rigidez e a complexidade do mundo dos negócios. Os elementos gráficos são

elaborados de maneira a gerar uma sensação de movimento e profundidade, fazendo com que o espectador seja atraído e imerso na obra. A ampliação dessas imagens para escalas monumentais transforma o espaço expositivo, criando um ambiente que não apenas exhibe arte, mas também provoca uma reflexão crítica sobre o contexto corporativo, mostrando os executivos, genericamente sem rosto, presos em um labirinto.

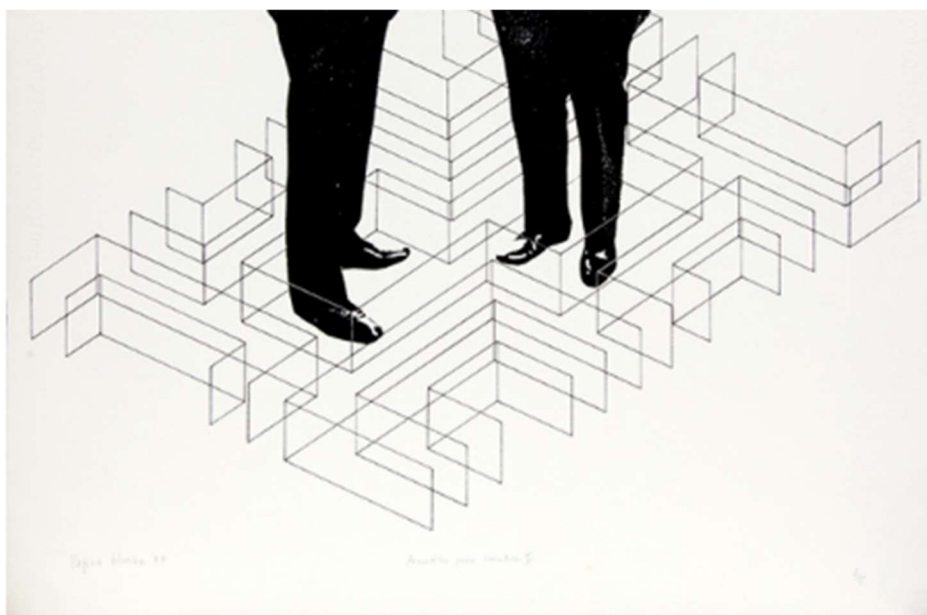


Figura 12 - Armadilha para executivos I, 1974
Serigrafia sobre papel/ serigraphy on paper
52 x 70 cm
Fonte: www.reginasilveira.com

A serigrafia, utilizada por Silveira, permite a criação de repetições e variações que acrescentam camadas de significado. A interação entre os padrões complexos e o espaço físico gera uma experiência sensorial que convida o público a se envolver ativamente com a obra. Esse engajamento se torna ainda mais profundo quando os espectadores percebem como os elementos gráficos refletem as armadilhas e os desafios do ambiente corporativo, levando a uma reflexão sobre as identidades que se constroem nesse contexto.

Além disso, a escolha da serigrafia como técnica permite a Silveira explorar a ideia de multiplicidade e repetição, que são intrínsecas à cultura de consumo e à estética corporativa. A obra questiona não apenas o papel do indivíduo nesse sistema, mas também as convenções visuais que o sustentam. Assim, "Armadilha para Executivos I" não apenas remete a uma

experiência visual impactante, como também, é um convite à reflexão sobre as relações de poder, controle e identidade no mundo contemporâneo.

Por meio da adaptação da serigrafia e da ampliação de suas obras para escalas monumentais, Regina Silveira transforma não apenas a percepção do espaço, mas também provoca um diálogo crítico entre arte, sociedade e as complexas interações que permeiam o cotidiano. Essa capacidade de inovar e experimentar com técnicas gráficas reafirma sua posição como uma figura proeminente na arte contemporânea.

4.4 Vídeos

A artista incorpora vídeos e projeções em suas instalações para adicionar camadas de narrativa e temporalidade às suas obras. Isso pode incluir o uso de vídeos para criar movimento ou narrativas visuais que se desdobram ao longo do tempo, enriquecendo a experiência do espectador. Um exemplo dessa abordagem é a obra "Transit", onde a artista combina elementos visuais dinâmicos, no caso uma mosca, com a fluidez do tempo para explorar questões de deslocamento, identidade e a percepção do espaço.

Em "Transit", Silveira utiliza projeções da mosca que interagem com o ambiente físico da instalação, criando uma atmosfera imersiva que envolve o público. As imagens projetadas não apenas ocupam as superfícies da galeria, mas também parecem fluir e se transformar, refletindo a ideia de movimento contínuo. Esse uso de vídeos cria uma sensação de efemeridade, fazendo com que os espectadores sintam que estão em um espaço em constante mudança, onde as narrativas visuais se desdobram à medida que se movimentam pelo ambiente.

A narrativa em "Transit" é construída de maneira não linear, permitindo que o público experimente a obra de forma única e pessoal. As imagens projetadas podem evocar memórias, sentimentos e reflexões sobre o ato de transitar, seja fisicamente, emocionalmente ou simbolicamente. Essa multiplicidade de interpretações é uma das características mais fascinantes da obra, pois cada visitante traz sua própria experiência e contexto para a interação com a instalação.

Ao explorar o tempo e o movimento por meio de vídeos e projeções, Regina Silveira provoca uma reflexão sobre a fluidez da identidade e da experiência humana no mundo contemporâneo. "Transit" exemplifica como a artista utiliza a tecnologia para transformar a percepção do espaço e do tempo, criando uma experiência artística que é tanto visual quanto emocional. Essa capacidade de inovar e experimentar com novos meios reafirma a relevância da arte de Silveira no diálogo contemporâneo sobre a condição humana e as complexidades da vida moderna.



Figura 13 - Transit, 2001
Direção/ Director: Andre Costa
Câmera/ Cameramen: Andre Costa, Danilo Concílio
Som direto/ Sound: Silvio Cordeiro
Edição/ Editor: Matias Lancetti
Produção/ Producer: Claudio Opazo e Danilo Concílio
Trilha sonora/ Soundtrack: Eduardo Verderame e Hermes Jacchieri
Fonte: www.reginasilveira.com

5. Ensino da Arte e a poética de Regina Silveira: Uma proposta pedagógica

A partir do que descrevi, nos capítulos anteriores, a proposta desse capítulo é desenvolver um projeto de aulas experimental baseada na poética de Regina Silveira. A projeto é intitulado: **"A Arte da Transformação: Desconstruindo e Recontextualizando Objetos"**.

A proposta desta sequência de aulas é explorar o conceito de recontextualização de objetos e imagens, inspirado pelo trabalho da artista Regina Silveira. Durante 8 aulas, os alunos terão a oportunidade de experimentar como a manipulação de formas, a deformação de imagens e a multiplicação de objetos podem gerar novos significados e estimular a percepção do espectador de maneira inovadora. O objetivo é promover a compreensão dos conceitos de deformação e recontextualização na arte, destacando que esses conceitos vão além da simples distorção ou transformação física de objetos. Os alunos aprenderão que a deformação e a recontextualização permite provocar novas interpretações e sensações, instigando o espectador a ver o cotidiano e os objetos de formas inesperadas.

Outro objetivo importante é o estímulo à criatividade dos alunos, incentivando-os a aplicar as estratégias de Regina Silveira, como a manipulação geométrica e a exploração de novos contextos. Durante as aulas, os estudantes serão desafiados a desconstruir objetos do cotidiano, criando obras que questionam e rompem com a percepção convencional, ao mesmo tempo em que desenvolvem uma nova forma de ver o mundo ao seu redor.

Além disso, a aula visa proporcionar uma experiência de prática artística. Por meio de atividades práticas, os alunos terão a oportunidade de criar instalações e intervenções artísticas que transformam objetos e imagens em experiências visuais, desafiando a percepção do espaço e do contexto. Isso permitirá que eles vivenciem, na prática, como a arte pode alterar e reinterpretar os elementos do dia a dia.

A estratégia pedagógica será dividida entre aulas teóricas e práticas. Nas primeiras aulas, os alunos discutirão a obra de Regina Silveira e refletirão sobre como a deformação e a recontextualização podem alterar a percepção de um objeto ou imagem. Nas aulas seguintes, a ênfase estará nas atividades práticas, onde os estudantes irão transformar

objetos simples e criar formas geométricas, aplicando os conceitos discutidos nas aulas teóricas.

Ao longo do processo, será realizado um workshop de criação, onde os alunos serão desafiados a experimentar a transformação de objetos e imagens, criando novos significados e sensações. Ao final da sequência, cada grupo terá a tarefa de montar uma instalação coletiva, aplicando os conceitos de multiplicação, deformação e recontextualização, consolidando a aprendizagem de forma criativa e colaborativa.

A metodologia adotada nesta sequência de aulas será uma abordagem híbrida que integra teoria e prática. Inicialmente, as aulas envolverão apresentações e discussões sobre a obra de Regina Silveira, permitindo que os alunos compreendam os conceitos-chave como deformação, recontextualização e multiplicação de objetos. Essas discussões teóricas servirão como base para a exploração prática desses conceitos. Em seguida, os alunos serão envolvidos em exercícios criativos e workshops, onde terão a oportunidade de aplicar esses conceitos em suas próprias produções artísticas.

Para estimular a colaboração e a troca de ideias, os alunos serão divididos em grupos, o que também proporcionará um ambiente mais dinâmico e colaborativo. Cada grupo desenvolverá um trabalho com base nos conceitos discutidos, permitindo uma aplicação prática do aprendizado em um contexto coletivo, onde o processo criativo de cada aluno será enriquecido pela interação com os colegas.

O objetivo final dessa sequência de aulas é proporcionar aos alunos uma compreensão mais profunda de como a arte pode transformar o cotidiano e alterar a percepção do mundo à sua volta. Ao longo das aulas, eles terão a oportunidade de experimentar de maneira prática como a deformação de imagens e a recontextualização de objetos podem modificar a maneira como vemos o que é familiar. Ao desafiar a percepção convencional, a arte torna-se uma ferramenta poderosa para criar novas leituras e questionamentos sobre a realidade.

Os alunos também serão incentivados a ver a arte como um meio de provocar sensações e questionar o espaço em que estão inseridos, estimulando a reflexão sobre o contexto em que vivem. No final do ciclo de aulas, cada grupo apresentará suas criações, compartilhando com os colegas o processo de transformação pelo qual passaram e os novos

significados atribuídos aos objetos e imagens com os quais trabalharam. Essas apresentações servirão como um momento de reflexão crítica, permitindo que os alunos demonstrem sua capacidade de aplicar os conceitos discutidos de forma criativa e inovadora, além de perceberem o impacto da arte na percepção do mundo ao seu redor.

5.1 Plano da Unidade de Ensino – "A Arte da Transformação: Desconstruindo e Recontextualizando Objetos"

Público-alvo: Crianças ou Adolescentes (faixa etária: 12 a 16 anos)

Duração: 8 aulas de 1 hora cada

Objetivos Gerais:

- Compreender o conceito de recontextualização de objetos e como a deformação ou multiplicação pode gerar novos significados e contextos na arte.
- Explorar o trabalho de Regina Silveira, que utiliza formas e estratégias de desconstrução (como o uso da luz, por exemplo), para entender como a artista mexe com a percepção do espectador.
- Estimular a criatividade dos alunos por meio da desconstrução e transformação de objetos e imagens, desafiando-os a pensar além das formas e funções tradicionais.

Objetivos Específicos:

- Refletir sobre como objetos do cotidiano, quando transformados ou multiplicados, podem ganhar novos significados.
- Analisar a obra de Regina Silveira, com foco no uso da deformação não como um fim, mas como um recurso para provocar diferentes sensações e interpretações.
- Desenvolver a capacidade de pensar e expressar conceitos artísticos de forma experimental e criativa, aplicando os conceitos discutidos em suas próprias produções.

Estratégias e Conteúdos:

- **Introdução à arte de Regina Silveira:** A importância do contexto e da percepção na arte, a ideia de "deformação" como um recurso e não um fim, e como a multiplicação de objetos pode mudar a percepção de uma obra.

- **Exploração dos conceitos de recontextualização e desconstrução:** Reflexão sobre o que acontece quando um objeto ou imagem perde seu contexto original e ganha uma nova interpretação.
- **Atividades práticas:** Workshops de criação, onde os alunos poderão experimentar desconstruir objetos e imagens, criando novas formas e significados.

5.1.1 Plano de Aulas

Aula 1: Introdução à Arte de Regina Silveira e aos Conceitos de "Deformação" e "Recontextualização"

Objetivo: Apresentar Regina Silveira como referência e discutir o conceito de deformação na arte.

1. Abertura (10 minutos):
 - **Apresentação do tema:** Começar a aula perguntando aos alunos o que entendem por “arte que mexe com a nossa percepção”.
 - Mostrar algumas imagens de obras de Regina Silveira, com ênfase nas formas geométricas, deformações e intervenções espaciais.
 - Explicar que Regina Silveira usa a "deformação" como um recurso, não como um fim, e que o foco está em provocar sensações e novas formas de olhar o mundo.
2. Discussão e reflexão (15 minutos):
 - **O que é deformação na arte?:** Explicar que deformar uma imagem ou objeto pode ser uma forma de desafiar nossa percepção e estimular uma reflexão mais profunda. Não se trata apenas de distorcer, mas de buscar novas interpretações.
 - **O que é recontextualização?:** Apresentar o conceito de recontextualização, usando exemplos simples, como pegar uma imagem familiar e colocá-la em um contexto inesperado (exemplo: transformar uma colher em uma obra de arte, ou colocar um espelho em um lugar estranho).
3. Atividade de exploração (20 minutos):

- Mostrar aos alunos imagens de objetos do cotidiano (por exemplo, uma garrafa, um livro, uma cadeira) e pedir que eles pensem em como esses objetos podem ser transformados ou "deformados" para gerar uma nova interpretação.
- Dividir os alunos em grupos e pedir para eles discutirem como poderiam mudar a forma, a função ou o contexto desses objetos.

4. Reflexão final e fechamento (15 minutos):

- Pedir para cada grupo apresentar uma ideia de transformação de objeto. Isso pode ser feito através de desenhos ou colagens, para representar a nova percepção do objeto.
- Explicar como a arte pode mexer com o cotidiano, tornando-o novo e inesperado, assim como Regina Silveira faz com sua obra.

Aulas 2-4: Desconstruindo Objetos e Imagens

Objetivo: Levar os alunos a praticarem a transformação de objetos do cotidiano, tanto fisicamente quanto em desenhos, buscando novos significados e interpretações.

1. Introdução ao workshop (10 minutos):

- Explicar que os alunos terão a oportunidade de desconstruir objetos e imagens, inspirados pela arte de Regina Silveira.
- Falar sobre como a multiplicação de elementos (por exemplo, multiplicar um objeto simples) pode alterar a percepção do espectador.

2. Atividade prática (30 minutos):

- Cada aluno recebe um objeto simples (por exemplo, uma garrafa, uma folha de papel, uma embalagem).
- Eles devem pensar em como podem transformar esse objeto para criar algo novo. A ideia não é apenas alterar a aparência do objeto, mas também pensar no que esse novo objeto pode representar em um contexto diferente.
- Eles podem recortar, dobrar, colar, pintar ou até multiplicar o objeto em várias versões para criar uma instalação.

3. Discussão (10 minutos):

- Após a atividade, cada aluno apresenta sua criação e explica como ela mudou o objeto original e o que ela representa agora. Os colegas podem fazer perguntas, estimulando a reflexão coletiva.

4. Conclusão e reflexão (10 minutos):

- Discutir com os alunos como a transformação de um objeto cotidiano pode mudar a maneira como o vemos e como podemos atribuir novos significados a ele. Relacionar isso com as obras de Regina Silveira.

Aulas 5-6: A Manipulação de Imagens – Deformação e Geometria

Objetivo: Explorar o conceito de deformação e manipulação de imagens como recurso poético, inspirado no trabalho de Regina Silveira.

1. Introdução (10 minutos):

- Mostrar como Regina Silveira utiliza a geometria em suas obras e como ela manipula a imagem para criar novas experiências visuais.
- Explicar que a deformação não é apenas uma distorção, mas uma forma de gerar novas sensações e interpretações.

2. Atividade prática (35 minutos):

- Propor que os alunos criem uma obra inspirada nas estratégias de Regina Silveira, utilizando recortes de revistas, jornais, tecidos e outros materiais para criar formas geométricas e manipular imagens.
- O objetivo é transformar a imagem original, criando uma obra que ao mesmo tempo seja visualmente intrigante e que provoque reflexões no espectador.

3. Reflexão (10 minutos):

- Ao final, discutir como a "deformação" das imagens mudou a percepção daquilo que estava sendo representado. O que os alunos sentiram ao criar e olhar para as suas obras?

Aulas 7-8: Projeto Final – Instalação Coletiva

Objetivo: Criar uma instalação coletiva que utilize os conceitos de multiplicação, deformação e recontextualização, com base nas produções anteriores.

1. Planejamento (15 minutos):

- Dividir os alunos em grupos e pedir que cada grupo escolha um tema (pode ser um objeto ou uma imagem) para transformar e recontextualizar em uma instalação.
- Eles devem pensar como irão manipular a forma, multiplicar o objeto e/ou deformar a imagem para provocar novas sensações no espectador.

2. Atividade prática (35 minutos):

- Os alunos trabalharão em grupos para criar a instalação. Eles podem usar os materiais que trabalharam nas aulas anteriores, ou até mesmo objetos novos, para construir sua instalação.
- Os grupos devem pensar na interação do público com o espaço e como a instalação pode criar uma experiência imersiva.

3. Apresentação final e discussão (10 minutos):

- Cada grupo apresenta sua instalação, explicando o processo de transformação e recontextualização dos objetos ou imagens. O que eles querem transmitir? Quais sensações eles querem provocar?

Avaliação:

A avaliação será processual, focando no engajamento dos alunos com as atividades práticas, na capacidade de reflexão sobre os conceitos discutidos e na originalidade das soluções propostas nas atividades. A participação nas discussões e a qualidade das produções finais também serão aspectos importantes a serem considerados.

Esse plano de aula visa não só desenvolver habilidades técnicas, mas também estimular a criatividade e o pensamento crítico dos alunos, ajudando-os a ver o mundo ao seu redor de uma maneira mais curiosa e questionadora, em consonância com a prática artística de Regina Silveira.

6. Considerações finais

A análise da obra e da trajetória de Regina Silveira destaca sua contribuição fundamental para a arte contemporânea e para a educação em Artes Visuais. Ao longo de sua carreira, Silveira não apenas desafiou as convenções de percepção do espaço e da imagem, mas também inovou ao integrar técnicas tradicionais com novas mídias, criando uma prática artística que transcende os limites do espaço expositivo e do museu. Sua abordagem poética, que busca integrar a arte no cotidiano, e sua exploração de novos modos de percepção, são aspectos que tornam seu trabalho uma poderosa ferramenta para o ensino das artes.

A arte de Regina Silveira, com sua capacidade de manipular o espaço e provocar a reflexão, serve como um exemplo claro de como a arte pode ser uma ferramenta poderosa de transformação e questionamento, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Ao aplicar os conceitos discutidos durante as aulas, os alunos não apenas compreendem as inovações técnicas da artista, mas também desenvolvem uma nova sensibilidade para as possibilidades criativas da arte. No final, suas produções artísticas refletem o parte do processo de aprendizagem de uma linguagem visual que vai além da forma e da geometria, permitindo-lhes pensar em obras que envolvem e transformam sua percepção do mundo.

O plano de aula desenvolvido, inspirado na obra de Regina Silveira, segue a mesma linha de pensamento ao incentivar os alunos a explorar a transformação de objetos e imagens do cotidiano, desafiando suas percepções e estimulando uma nova leitura do espaço e do contexto ao seu redor. A metodologia que combina teoria e prática proporciona uma compreensão profunda dos conceitos de deformação e recontextualização, fundamentais no trabalho de Silveira, e oferece aos alunos a oportunidade de experimentar de maneira criativa e colaborativa a construção de novos significados e sensações a partir de objetos comuns.

Em última análise, tanto o trabalho de Regina Silveira quanto as propostas pedagógicas aqui apresentadas demonstram o potencial da arte para provocar mudanças significativas na maneira como interagimos com o ambiente ao nosso redor. Ao integrar a arte à vida cotidiana e ao desafiar as fronteiras entre o familiar e o desconhecido, Silveira se estabelece como uma referência imprescindível, não apenas para a arte contemporânea, mas

também para o ensino das Artes Visuais, incentivando o público a olhar para o mundo com um olhar mais curioso, crítico e criativo.

Regina Silveira demonstra de maneira vívida como a arte contemporânea pode transcender limites tradicionais, explorando novas mídias, interações espaciais e narrativas visuais complexas. Para os estudantes de Licenciatura em Artes Visuais, sua obra oferece um vasto campo de estudo e reflexão. As intervenções urbanas de Silveira provocam uma reavaliação do espaço público, enquanto suas instalações desafiam as percepções dos espectadores, convidando-os a explorar a interseção entre arte, espaço e experiência sensorial.

Ao integrar técnicas tradicionais com novas mídias e tecnologias, como serigrafia expandida e projeções digitais, Regina Silveira não apenas expande o vocabulário artístico contemporâneo, mas também oferece aos educadores de arte questionamentos importantes para engajar e inspirar seus alunos. Sua prática exemplifica como a educação em Artes Visuais pode ser dinâmica e relevante, capacitando os estudantes a explorar conceitos de percepção, espaço e interatividade de maneiras inovadoras.

A trajetória de Regina Silveira ilustra a complexa interseção entre arte e ensino, destacando a importância da formação acadêmica na evolução da prática artística. Em sua entrevista, Regina Silveira revela uma profunda conexão entre sua própria experiência artística e seu papel como educadora. A artista, com uma carreira que se estendeu desde suas origens em Porto Alegre até uma posição de destaque no meio acadêmico, demonstra como a prática e o ensino da arte podem se entrelaçar para enriquecer ambos os campos.

Silveira, que lecionou na FAAP e na USP, destaca a relevância da pesquisa e da experimentação no processo artístico e educacional. Ela enfatiza que o trabalho artístico deve ser um "poço poético", refletindo um universo pessoal e inovador que não se limita a reproduzir padrões estabelecidos. Durante seus anos como professora, sua abordagem pedagógica focou em fomentar a individualidade dos alunos, incentivando-os a desenvolver suas próprias poéticas, em vez de seguir seus passos.

Seu próprio percurso, desde a imersão nas vanguardas internacionais até a utilização da tecnologia para explorar novas formas de expressão, exemplifica a importância da

formação contínua e da adaptação. A dedicação de Regina Silveira à educação, e seu esforço para criar um ambiente onde a arte pudesse ser explorada de maneira livre e criativa, são reflexos de sua crença na capacidade transformadora do ensino da arte. Sendo assim, concluo que, a história de Regina Silveira reforça que a licenciatura e o ensino da arte são fundamentais para o desenvolvimento de artistas que não apenas entendem, mas também inovam e redefinem os limites da criação artística. Sua contribuição para a academia e para o mundo das artes demonstra que a educação artística é um campo dinâmico e essencial para a evolução do pensamento criativo.

APÊNDICE - Anotações da entrevista com Regina Silveira

Local: São Paulo, bairro: Perdizes - ateliê da artista Data: 25/10/2018

Ao chegar ao ateliê da artista Regina Silveira, fui logo recebida por ela, que muito simpática, me convidou para entrar e sentar sem muita formalidade, próximo à sua mesa de trabalho. Uma grande tela de computador aberta, um notebook ligado, uma mesa com diversas maquetes de trabalhos já realizados e alguns trabalhos que ela ainda apresentaria, conforme seu próprio relato.

Regina me olha e diz: essas maquetes eu faço depois que o trabalho está feito. (Uau, pensei! Como ela poderia imaginar que era essa questão que estava na minha cabeça?). Pego uma cadeira e me sento ao seu lado.

Ela começa me perguntando se eu vi sua exposição no Mube, eu respondo que ainda não, mas quero muito ir, Regina logo me avisa que estará lá até dia 06 de novembro. Respiro aliviada, pois realmente quero ver a exposição e não tive tempo. De qualquer forma, ela logo começa a falar de uma exposição que ela está preparando para o Farol Santander no ano que vem. Vai ter um vídeo mapping.

Isso parece ser um gancho para que logo a artista fale sobre seu gosto pela área das ideias e diferentes modos de produção. Regina Silveira discorre sobre seu interesse em relação à imagem com o mundo real e o que as imagens dizem. Ela fala então sobre ideias simples, porém mesmo parecendo simples, em nada o são. Regina dá o exemplo de uma nova exposição que vai abrir, no CCBB, onde existe realismo virtual (achei interessante, apesar de não conseguir entender exatamente), a entrevistada fala sobre o estado de vigilância da mosca presa no foco de luz. (Mais à frente, no decorrer da conversa, Regina Silveira me mostra as imagens do trabalho; e eu consigo compreender melhor o que ela dizia, ficando um pouco tocada com a sutileza e precisão desta obra nos dias de hoje).

A ideia da mosca nos leva à um assunto do meu total interesse, a questão da repetição no trabalho da artista. A mosca que ela leva agora (Nov 2018) ao CCBB já havia aparecido muitas vezes no seu trabalho, andando pela cidade através de um holofote; e agora presa, permanece em vigilância. Regina me conta que isso faz parte do seu vocabulário poético, a

repetição, signos recorrentes, índices e sombras. São marcas pessoais. Ela vê o trabalho do artista como um poço poético.

Passamos então para o começo de sua trajetória artística. Regina Silveira nunca teve a intensão de ser uma artista brasileira, ela queria ser uma artista no mundo. Nesse momento ela me relata que sempre incentivou seus alunos a viajar e completarem a formação conhecendo o mundo. Para isso, Regina admite que o trabalho de arte tem que funcionar em primeiro lugar, depois a pessoa. Ela admite que isso não é fácil, mas gosta do desafio.

Quando Regina Silveira tinha 27 anos, sua formação sofreu um salto. Ela saiu de Porto Alegre e foi para a Europa, onde conheceu seu marido Julio Plaza. Foi apresentada ao Grupo Fluxus, a POP Inglesa, o Minimalismo, a arte conceitual; começou a investir em outras narrativas e viu que havia um novo universo poético à ser explorado. Nesse período teve contato também o trabalho de Palatnik. Essa parte de sua história vem junto com um longo olhar e a frase: “o modernismo brasileiro pouco me interessou”.

Em 1967 morou 4 anos em Porto Rico, onde estudou arte conceitual e a escola de NY. Até então produzia objetos de metal, formas geométricas. Foi quando Regina Silveira se viu como uma artista em trânsito. Como poderia ela carregar consigo todo aquele peso que produzia?

Em 1971 criou a série Labirintos, passou a usar fotomecânica para imprimir as imagens apropriadas. Expôs no Museu de Seattle. Nesse momento, já com o uso da tecnologia, sua obra poderia reaparecer, existia a potencialidade de ser refeita, e ela não precisava mais lidar com o peso dos objetos físicos.

Em 1980 Regina Silveira utiliza técnicas de heliografia para reproduzir imagens de tapeçaria. Em 1990, a artista tem acesso ao computador, e com esse instrumento adentra realmente no universo da reprodutibilidade. Utilizando a tecnologia, os objetos passam a ser potencialmente possíveis de repetição. A artista menciona, que mesmo sendo os mesmos signos, eles são sempre diferentes. O tempo, o contexto, o local, tudo isso ressignifica o mesmo objeto.

Regina logo me diz que está preparando uma exposição em NY (Alexander Gray) dos projetos que nunca executou. Dentre sua obra existem aproximadamente 40 trabalhos que ela criou mas nunca puderam ser executados (como por exemplo um trabalho para o Pacaembu, que nunca chegou a ser completado por burocracia dos órgãos responsáveis). Ela escolheu 09 trabalhos que vão compor a mostra.

A artista, de Porto Alegre, depois de um período na Europa e Estados Unidos volta ao Brasil, onde leciona por 12 anos na FAAP e depois assume um cargo como professora na USP entre os anos de 1985 e 2000, onde também foi chefe de departamento, ajudando na criação da pós graduação em Artes.

No período em que trabalhou na ECA/USP, Regina Silveira menciona que “vestiu a camiseta da arte no universo acadêmico”; a artista ressalta o “valor de pesquisa da obra de arte”. Durante os anos em que lecionou, ela relatou ter formado alunos e alunas com poéticas próprias e não “outras Reginas”. Ela afirma que foi muito importante e gratificante a troca que teve com os alunos no ambiente universitário.

Em 2000, Regina Silveira se aposenta da USP para “ir mais fundo no seu próprio trabalho” e passa a se dedicar a sua criação. Para ela é “uma questão de perseguir o próprio caminho”.

REFERÊNCIAS

GOMES, Karina Sergio. Regina Silveira: Um esboço Biográfico. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2009.

KIYOMURA, Leila. Regina Silveira é rigor estético, precisão técnica e posicionamento político, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/regina-silveira-e-rigor-estetico-precisao-tecnica-e-posicionamento-politico/>. Acesso em 13 jun. 2024.

MONTEJO NAVAS, Adolfo. “Fantasmagorias da Luz”. In “Claraluz”, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://reginasilveira.com/CLARALUZ>. Acesso em 30 out. 2024.

MORAES, Angélica de (org.). Regina Silveira: Cartografias da Sombra. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

Revista Pesquisa FAPESP, 2010. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/regina-silveira-a-mágica-das-sombras/>. Acesso em 18 jun. 2022.

Revista Select. Disponível em <https://www.select.art.br/regina-silveira-mac/>. Acesso em 18 jun. 2022.

RIBEIRO, Daniela Maura. Intelligere, Revista de História Intelectual, no 11, jul. 2021 "Regina Silveira e Julio Plaza: agentes da arte conceitual brasileira". Disponível em: https://www.academia.edu/74803186/Regina_Silveira_e_Julio_Plaza_agentes_da_arte_conceitual_brasileira. Acesso em 19 set 2024.

RIBEIRO, Daniela Maura. Regina Silveira: Outros Paradoxos. Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), 2024. Disponível em <https://select.art.br/regina-silveira-os-meios-servem-as-ideias/>. Acesso em 13 jun. 2024.

RIBEIRO, Daniela Maura. Regina silveira e o terreno da ficção: o cruzamento de linguagens, 2012. Disponível em: https://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio9/daniela_maura_ribeiro.pdf. Acesso em 15 set. 2024.

SILVEIRA, Regina. Site oficial. Disponível em:< <https://reginasilveira.com/>

SILVEIRA, Regina. Entrevista, 2018. Disponível em: <https://select.art.br/regina-silveira-os-meios-servem-as-ideias/>. Acesso em: 21 out. 2024.

SILVEIRA, Regina. Regina Silveira: A mágica das sombras. Entrevista concedida a Carlos Haag. Revista Pesquisa Fapesp, São Paulo, dezembro 2010, ed. 178. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2010/12/01/regina-silveira-a-m%C3%A1gica-das-sombras/>. Acesso: em 15 jul. 2016.

SILVEIRA, Regina. Paraler. Projeto para instalação permanente . Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revis-tas/read/projetos/15.177/5692>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

ZANINI, Walter. A aliança da ordem com a magia. In: MORAES, Angélica de (org.). Regina Silveira: cartografias da sombra. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

Armadilha para executivos I, 1974. Disponível em: <https://reginasilveira.com/DILATAVEIS>. Acesso em 1 nov. 2024.

Cabeçalho com organização das obras no site www.reginasilveira.com. Acesso em 30 out. 2024.

Descendo a Escada, 2002. Disponível em <https://reginasilveira.com/filter/instalação/DESCENDO-A-ESCADA>. Acesso em 7 jun. 2024.

Glossary, 2015. Disponível em: <https://reginasilveira.com/GLOSSARY-PROJECÃO>. Acesso em 30 out. 2024.

Glossário 2 (Azul). Disponível em: <https://reginasilveira.com/filter/instalação/GLOSSARIO>. Acesso em 30 out. 2024.

Imagem retirada do site do MAC USP, 2021. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2021/reginasilveira/home.html>. Acesso em 30 out. 2024.

Moscaglia, 2018. Disponível em <https://reginasilveira.com/filter/artepublica/MOSCAGLIA>. Acesso em 1 nov. 2024.

Mundo, 2017. Disponível em: <https://reginasilveira.com/filter/artepublica/MUNDO>. Acesso em 30 out. 2024.

Mundus Admirabilis, 2019. Disponível em: <https://reginasilveira.com/filter/instalação/MUNDUS-ADMIRABILIS-1>. Acesso em 30 out. 2024.

OS GRANDES, 1981. Disponível em: <https://reginasilveira.com/DILATAVEIS>. Acesso em 1 nov. 2024.

Surveillance, 2015. Disponível em <https://reginasilveira.com/filter/artepublica/SURVEILLANCE>. Acesso em 1 nov. 2024.

Transit, 2001. Disponível em <https://reginasilveira.com/filter/video/TRANSIT-VIDEO>. Acesso em 2 Nov. 2024

TROPEL REVERSED, 2012. Disponível em <https://reginasilveira.com/filter/instalação/TROPEL-REVERSED>. Acesso em 7 jun. 2024.